



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC

**LENDAS E MITOS DA COMUNIDADE SÃO PEDRO,
MONTE ALEGRE-GOIÁS**

EDIMAR CUNHA E SILVA

PLANALTINA - DF

2015

EDIMAR CUNHA E SILVA

**LENDAS E MITOS DA COMUNIDADE SÃO PEDRO,
MONTE ALEGRE-GOIÁS**

Monografia apresentada à Faculdade UnB de Planaltina – FUP, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, área de Ciências da Natureza e Matemática (CIEMA).

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva.

PLANALTINA - DF

2015

EDIMAR CUNHA E SILVA

**LENDAS E MITOS DA COMUNIDADE SÃO PEDRO,
MONTE ALEGRE-GOIÁS**

Monografia apresentada à Faculdade UnB de Planaltina – FUP, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, área de Ciências da Natureza e Matemática (CIEMA), defendida e aprovada em ____ de outubro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva – Universidade de Brasília (UnB)
Orientadora

Profa. Dra. Severina Alves de Almeida – Sissi – Universidade de Brasília (UnB)
(Examinadora Interna)

Profa. Dra. Maria Osanette Medeiros - Universidade de Brasília (UnB)
(Examinadora Interna)

Dedico este trabalho, com muito carinho e amor, à Ivone Xavier Mendes, que durante a trajetória do meu curso esteve sempre presente na minha formação. Dedico, também, à minha orientadora, Dona Regina, que sempre acreditou no meu talento; aos meus “colegas” que me incentivaram nos momentos mais difíceis; à minha irmã Dora”, que contribuiu de maneira muito importante e significativa na reta final do meu curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por todas as oportunidades que ele me deu: pela vida, saúde, esforço e coragem. E que o senhor permaneça sempre na minha vida, fazendo com que eu consigo conquistar o meu espaço e objetivo.

[..] Essas estórias, conhecidas por meio da força
da tradição oral, atravessam tempo e espaços,
contadas de geração em geração [..]

[..] Preservando a memória
ancestral, ao mesmo tempo em
que se atualizam, sem perder sua
identidade de origem:
a palavra falada e seus
ensinamentos [...]

[...] Estórias Quilombolas organiza um
conjunto de narrativas coletadas em
quilombos de diversas regiões brasileiras,
nos dias de hoje. [...]
(Estórias Quilombolas)

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|-------|--|
| DF | Distrito Federal. |
| FUP | Faculdade UnB de Planaltina. |
| LEdoC | Licenciatura em Educação do Campo. |
| PET | Programa de Educação Tutorial. |
| PIBID | Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência. |
| TC | Tempo Comunidade. |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso. |
| TE | Tempo Escola. |
| TU | Tempo Universidade. |
| UnB | Universidade de Brasília. |

RESUMO

Escolhemos o tema lendas e mitos com o objetivo de levantar conhecimento dos moradores mais velhos da comunidade São Pedro, na comunidade Kalunga Monte Alegre - GO. Este trabalho foi realizado por meio de entrevistas, compostas por perguntas, buscando conhecer as situações e modos de vida dos moradores. Recorremos, também, a leituras de várias fontes referentes ao tema da pesquisa, tendo como referências estudos bibliográficos para a construção teórica e compreensão das lendas e mitos da comunidade. Enfim, fizemos um estudo qualitativo, cujos resultados foram proveitosos e nos levaram a refletir muito mais sobre as estórias.

Palavras-chave: Kalunga. Comunidade São Pedro. Lendas e Mitos.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPITULO I | 13 |
| 1.0 LENDAS E MITOS NA TRADIÇÃO CULTURAL BRASILEIRA E NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS | 13 |
| 1.1 A METODOLOGIA DA PESQUISA | 13 |
| 1.2 DIÁLOGOS TEÓRICOS SOBRE MITOS E LENDAS | 14 |
| CAPITULO II..... | 17 |
| 2.0 HISTÓRIA DAS LENDAS E MITOS NA COMUNIDADE SÃO PEDRO | 17 |
| CAPITULO III | 20 |
| 3.0 DESAFIOS PARA A VALORIZAÇÃO DAS LENDAS E MITOS E O PAPEL DA ESCOLA DO CAMPO..... | 20 |
| 3.1 O PAPEL DA ESCOLA DO CAMPO | 25 |
| 3.2 REGISTRO DAS LENDAS NA COMUNIDADE SÃO PEDRO. | 29 |
| 3.3 REGISTRO DOS MITOS NA COMUNIDADE..... | 32 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 34 |
| REFERÊNCIAS | 35 |
| ANEXOS | 37 |

INTRODUÇÃO

A comunidade São Pedro está localizada em Monte Alegre - Goiás, em uma área de difícil acesso, a aproximadamente 180 km da sede do município. Esta situada às margens do rio Paranã e do rio Bezerra. O rio Paranã serve como divisa entre os municípios de Monte Alegre e Cavalcante, enquanto o rio Bezerra divisa do município de Monte Alegre e Arraias, no Estado do Tocantins.

A comunidade se chama Kalunga, dando um sentido místico à população. Várias pessoas já se detiveram a pesquisar o sentido desta palavra, procurando, principalmente, a sua ligação com a África, querendo provar que essa comunidade tem descendência africana.

Nessa comunidade há uma planta nativa (SemabaFerrugínea) que é utilizada como remédio. Ela é, também, considerada como a marca da realeza africana sustentada pela força dos ancestrais, é um símbolo da dignidade do negro e da grandeza do povo Kalunga. É reconhecida, entre os grupos africanos, como a referência que liga-os às forças para resistir à escravidão.

A história do povo Kalunga tem origem no século XVI, quando os primeiros africanos (escravos) foram trazidos pelos portugueses para colonizar vários estados brasileiros. Os sofrimentos desses escravos começavam na África, pois eram capturados e embarcados para o Brasil. Aqui, juntamente com os índios nativos, trabalhavam na produção de açúcar.

Com a decadência açucareira, os colonizadores buscaram outras fontes de exploração, como o ouro e o Pau-Brasil. Foi no final do século XVIII que os bandeirantes descobriram ouro e pedras preciosas em vários estados brasileiros, inclusive Goiás, iniciando assim a colonização desses territórios.

No momento em que a atividade mineradora entrou em declínio, muitos garimpeiros partiram de Goiás, deixando muitos escravos para trás, inclusive alguns velhos. Com medo de que os colonizadores voltassem para buscá-los, os escravos fugiram e se embrenharam nas matas em busca de lugares de difícil acesso. Foi assim que os “quilombos” foram formados.

Os pequenos acampamentos deram origem às comunidades chamadas Kalunga, situadas no estado de Goiás, nos municípios de Monte Alegre, Cavalcante, e Teresina, distribuídas ao longo do rio Paranã e seus afluentes. Essa comunidade é formada por cerca de 4.000 habitantes, que ocupam uma área de aproximadamente 253.191,72 hectares, a 600 km de Goiânia, constituindo-se numa das maiores comunidades quilombolas do país.

Ao chegarem àquelas terras, os escravos começaram a conviver com algumas tribos indígenas que resistiram à escravidão. Não foi fácil a convivência entre eles, mas com o passar do tempo, os Kalunga acabaram mesclando-se com os índios, herdando alguns de seus costumes. Ali eles sobreviveram escondidos, por mais de 200 anos, sem contato com a civilização.

Os negros remanescentes de quilombos resistiram até os dias atuais, mantendo alguns de seus costumes e tradições, apesar de que alguns foram rompidas. Os Kalungas possuem uma cultura diversificada, influenciada tanto pela cultura dos africanos quanto pela dos colonizadores. As manifestações artísticas integram-se ao seu cotidiano por meio da produção de artefatos de couro, madeira, barro e do buriti (planta nativa da região).

Um aspecto importante é o calendário, que se diferencia do romano por estar ligado à religiosidade e à colheita. A tradição religiosa se dá por meio de festas de cunho religioso de várias modalidades, tais como: folias, novenas, casamento, batizados, que são realizadas praticamente o ano todo. Essa comunidade comemora desde as roçadas e fertilização das terras até as colheitas.

Essas festas desempenham um papel social muito importante. É por meio delas que as comunidades têm a oportunidade de se reunir, dividindo experiências passadas e emoções presentes. Nessas ocasiões, parentes e amigos se reencontram e, por meio dos festejos, os Kalungas se sentem mais próximos uns dos outros, cultivando o sentimento de pertença a um mesmo grupo e legitimando valores e princípios comuns. Importante salientar que os festejos são praticamente as únicas oportunidades que os jovens possuem para manter contatos com pessoas de comunidades diferentes. Em geral, são nesses eventos que a maioria dos adolescentes escolhe seus candidatos a um futuro casamento.

Os Kalungas, em maioria, são pequenos produtores rurais que vivem basicamente da agricultura, da pecuária, da criação de galináceos, suínos, além do extrativismo vegetal. Por muito tempo, eles tiveram sua cidadania alijada, pois desconheciam os seus direitos. Com uma história marcada por discriminação e humilhação, os costumes e linguajar da comunidade Kalunga também eram alvo de preconceito pelas pessoas de outras regiões. Diante disso, os Kalungas negavam sua identidade. Felizmente, nos últimos anos, graças a uma visibilidade do grupo na mídia, a carga pejorativa foi sendo reduzida.

A partir de 1981, os Kalungas começaram a reivindicar seus direitos, tais como saúde e educação. Essas lutas foram orientados pela antropóloga Mari de Nazaré Baiocchi, uma das

primeiras pessoas a estudá-los. Ela elaborou e coordenou os projetos de valorização e preservação da memória do Povo Kalunga.

No começo do século XVIII, os bandeirantes descobriram o ouro e pedras preciosas em vários estados brasileiros, inclusive em Goiás, iniciando assim a colonização da região. Importante registra que a comunidade Kalunga é dividida em fazendas. Seus aspectos de identidade étnica envolvem a maneira como eles se organizam politicamente, por costumes e tradições, com uma visão de mundo que lhes foi propiciada com legitimação das terras, sem contato com uma civilização, onde resistem até os dias atuais.

Nessa perspectiva, o presente estudo teve por objetivo levantar conhecimentos dos moradores mais velhos da comunidade São Pedro, no Kalunga Monte Alegre - GO. Este trabalho surgiu devido à necessidade de conhecimento e reconhecimento do resgate das memórias, dos mitos e lendas dessa comunidade. O trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta as lendas e mitos nas tradições culturais brasileiras e nas comunidades tradicionais. No segundo, abordamos a história das lendas e mitos na comunidade São Pedro. O terceiro capítulo faz um apanhado dos desafios para a valorização das lendas e mitos e discute o papel da Escola do Campo nesse contexto.

As entrevistas, realizadas com a comunidade Kalunga São Pedro, foram realizadas com pessoas que nasceram e até hoje moram no local, com maior orgulho de ser quilombolas com suas tradições e culturas. A pesquisa foi desenvolvida por meio de questionários, anexos neste trabalho.

A pesquisa irá contribuir, de forma significativa, para que as pessoas da comunidade São Pedro tenham a oportunidade de ver suas lendas e mitos registrados, sua origem e outros elementos de sua cultura. Além disso, vai promover a consciência para a importância das tradições Kalunga.

CAPITULO I

1.0 LENDAS E MITOS NA TRADIÇÃO CULTURAL BRASILEIRA E NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

1.1 A METODOLOGIA DA PESQUISA

Metodologicamente, este estudo é de natureza qualitativa. Braga (1988) registra que a etnometodologia tem suas raízes plantadas na fenomenologia, com marcas do interacionismo simbólico e da sociologia weberiana. Para esse autor, o senso comum é valorizado para a compreensão do social e o observador procura interpretar aquilo que o sujeito já havia interpretado dentro do seu universo simbólico. É um estudo de significado da "vida diária". É uma postura/posição metodológica que se opõe aos modos tradicionais de manipular os problemas de ordem social (essência vista "de fora"), colocando que ela se cria na própria interação, sendo uma forma nova de apreender a realidade, sabendo que nenhuma delas consegue apreendê-la totalmente.

Nesse sentido, foram utilizadas várias técnicas de pesquisa. Recorremos à pesquisa campo, com roteiro de entrevista composto por perguntas, com o objetivo de conhecer as situações e modos de vida dos moradores. Utilizamos de leituras de várias fontes referentes ao tema da pesquisa, fazendo dos estudos bibliográficos fonte para a construção teórica e compreensão das lendas e mitos da comunidade. Dentre os nossos referenciais teóricos destacam-se Câmara Cascuda (1976) e Mari Baiocchi (1999).

Este trabalho está fundamentado na metodologia da história oral, que compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores aos registros dos depoimentos. “A história oral lança a vida para dentro da própria história, e isso alarga seu campo de ação (...) traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”. (THOMPSON, 1998, apud SANTOS e ARAÚJO, 2007, p. 192). As entrevistas foram realizadas por meio de roteiros de pesquisas, em fichas de perguntas, realizadas com um total de 06 pessoas. Essas perguntas e respostas foram transcritas e usadas como método de adquirir informações de dados kalungueses da comunidade São Pedro.

A pesquisa teve por sujeito pessoas mais velhas que soubessem responder às perguntas sobre mitos e lendas e que aceitassem fazer parte do trabalho. Por meio das entrevistas, tivemos oportunidade de conhecer suas culturas e modos de vida da comunidade. Os sujeitos

entrevistados autorizaram este pesquisador a escrever e discutir questões relacionadas às suas memórias, para isso, permitiram o uso dos seus nomes, idades e datas de nascimento na construção deste trabalho.

Estas são as pessoas entrevistadas nesta pesquisa: Rufino da Cunha e Silva, com 78 anos; Lindaure Costa Serafim, 56 anos; Policapo Maia dos Santos, 72 anos; Maria Xavier da Silva, 67 anos; Cândido da Costa Serafim, 77 anos; Ermínio Cunha de Castro, 58 anos de idade. Nascidos e criados na comunidade São Pedro, eles vivem lá até hoje.

Essas pessoas são agentes históricos no que se refere às tradições, à cultura e à identidade. Eles compartilham com as pessoas mais jovens os costumes e valores da comunidade, práticas que não podem acabar. Assim, eles são uma ponte na construção da identidade Kalunga, pois aprenderam com seus antepassados os valores que agora transmitem às novas gerações e para outras pessoas de fora que passem por ali ou visitem a comunidade.

Foi por meio da vivência deste pesquisador com aquela comunidade e seus moradores, quando atuava na condição de professor, que surgiu o interesse de conhecer suas culturas e costumes locais. Nessa vivência, o professor pesquisador percebeu que era comum ali a tradição e circulação de lendas e mitos. A partir dessa percepção, ele se interessou por saber como era passada essa tradição. Os entrevistados tiveram papel fundamental nesta pesquisa, pois de modo simbólico e simples, eles trouxeram para o convívio cotidiano suas memórias e de seus antepassados.

As lendas e mitos são histórias que nos fazem ver o mundo cultural bem vivenciado pela comunidade com um movimento social que ainda tem presente a tradição africana, como tempo da escravidão, marcando um tempo vivido entre memória, cultura, identidades remanescentes por lutas e conservação de direitos. Dessa forma, registramos as lendas e mitos vivenciados pela comunidade, partilhados por meio de entrevistas. Os sujeitos deste trabalho trazem nas memórias, lembranças e modos de vida a presença dos mitos e lendas.

1.2 DIÁLOGOS TEÓRICOS SOBRE MITOS E LENDAS

Em se tratando das lendas e mitos nas comunidades tradicionais, Diegues (1983) aborda que as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total. Portanto, culturas tradicionais, nessa perspectiva, são aquelas que se desenvolvem do modo de produção da pequena produção

mercantil. Essas culturas se distinguem daquelas associadas ao modo de produção capitalista, em que não só a força de trabalho, como a própria natureza, se transforma em objeto de compra e venda (mercadoria).

Brandão (2011) também buscou conceituar comunidade tradicional, sua cultura, seu modo de vida e pessoas a partir das suas pesquisas no sertão, narrado por Guimarães Rosa. Para ele, comunidades tradicionais são grupos sociais que desenvolvem:

- a) Dinâmicas temporais de vinculação a um espaço físico que se torna território coletivo pela transformação da natureza por meio do trabalho de seus fundadores que nele se instalaram;
- b) Um saber peculiar, resultante das múltiplas formas de relações integradas à natureza, constituído por conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição ou pela interface com as dinâmicas da sociedade;
- c) Uma relativa autonomia para a reprodução de seus membros e da coletividade como uma totalidade social articulada com o “mundo de fora”, ainda que quase invisíveis;
- d) O reconhecimento de si como uma comunidade presente herdeira de nomes, tradições, lugares socializados, direitos de posse e proveito de um território ancestral;
- e) A atualização pela memória da historicidade de lutas e de resistências no passado e no presente para permanecerem no território ancestral;
- f) A experiência da vida em um território cercado e/ou ameaçado.

As comunidades tradicionais também são espaços onde permanecem as lendas e os mitos. Segundo Cascudo (1976, p. 348), “as lendas são episódios heróicos ou sentimentais com elemento maravilhoso ou sobrenatural, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no tempo e no espaço”.

Na comunidade São Pedro, as características tradicionais de lendas e mitos apontam o fator do tempo presente como elementos da tradição africana e da escravidão, marcando um tempo vivido por aquela comunidade, como um meio de se refugiar, pois foram discriminados e marginalizados durante muito tempo. A trajetória da comunidade revela uma longa história marcada por mistérios, desafios e lutas. Ainda hoje é possível perceber que os moradores dessa comunidade têm várias histórias fantásticas, envolvendo lendas e mitos, que podem ser

contadas e sistematizadas. Essa tradição é modo de vida que deixa alegria e permanece um vínculo entre parentes e amigos.

Para Hall (1977), a identidade cultural é constituída por aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nossa pertença às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, e acima de tudo, nacionais. E, assim, o mito seria, então, a manifestação desse sentimento de pertença.

Para Chauí (2005), essa “pertença” que nos inclui identifica o fato de carregarmos uma determinada marca cultural que nos aproxima de um dado grupo. Ainda de acordo com a autora, a questão da identidade se dá na medida da importância e do significado do mito, criando uma especificidade para determinado povo. É, portanto, da aceitação do mito que se estabelece ou ocorre a influência no homem e, conseqüentemente, ao seu comportamento, dando-lhe caráter sagrado que se refere à origem marcada por um tempo e por um espaço geográfico e cultural de um povo.

CAPITULO II

2.0 HISTÓRIA DAS LENDAS E MITOS NA COMUNIDADE SÃO PEDRO

Para compreender melhor o tema em questão, torna-se necessário resgatar o conceito de lendas e mitos na comunidade São Pedro. De acordo com Câmara Cascudo (2002), lendas são episódio heroicos ou sentimentais, com elementos maravilhosos ou sobre-humanos, transmitidos e conservados na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo de origem letrada.

Nesse sentido, Cascudo (2002, p. 328) afirma:

As lendas possuem características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói, sendo parte e não todo biográfico ou temático. Conservam as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato, oralidade.

Em relação ao mito, Cascudo (2002, p. 388) defende que “o mito é o duende, o objeto ao redor do qual a lenda se cria. O mito é objeto ou ser fabuloso, fictício, inexistente fisicamente, em geral disforme ou monstruoso, às vezes de pedra ou de planta”. Nesse sentido, ao redor do mito há sempre uma lenda, que se transmite oralmente e se modifica com os relatos. No Brasil, os mitos são de influências indígena, portuguesa e Africana.

De acordo Chauí (2005), a lenda, com a lembrança do palácio e dos lugares dos convidados, levou à criação da memória, concebida como um palácio com lugares nos quais colocamos imagens e palavras e, passeando por ele, ordenadamente, recordamos as coisas, as pessoas, os fatos e as palavras necessárias para escrever e dizer discursos, poesias, peças teatrais. Para Chauí, a memória é uma atualização do passado ou a personificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança.

Nessa perspectiva, as lendas e mitos na comunidade São Pedro no Kalunga também são lembranças da memória e tradições repassadas por pessoas mais velhas de geração por geração, pois existem somente nas memórias dos moradores.

Para Chauí (2005), graças à memória, somos capazes de lembrar e recordar. As lembranças podem ser trazidas ao presente tanto espontaneamente como por um trabalho deliberado de nossa consciência. Lembramos espontaneamente quando, por exemplo, diante

de uma situação presente nos vem à lembrança alguma situação passada. Recordamos quando fazemos o esforço para lembrar.

A comunidade acredita em histórias envolvendo seres sobrenaturais, como “alma penada”, “saci-pererê”, entre outros entes considerados encantados. Outras crenças da comunidade também fazem parte do Folclore brasileiro, como a história do caipora; pessoa de uma perna só, que faz travessuras com as pessoas e que ninguém consegue pegar. Contos que são famosos são as histórias de bichos que moram no rio Paranã, como o noratim e o rodete. Essas histórias eram contadas e, segundo a comunidade, vividas pelos homens que costumavam remar pelo rio. Não há dúvidas de que a comunidade acredita na história desses bichos e da alma penada. Essas narrativas preenchem a vida das pessoas, ensinando que existem mistérios na vida que o homem não sabe explicar, por isso, a comunidade deve aceitá-los como eles são.

A comunidade São Pedro cultiva lendas e mitos, como símbolo de lutas e de resistências no passado e no presente para permanecerem no território ancestral. Com calendário diferenciado do romano, por estar ligado à religiosidade e à colheita, a comunidade São Pedro é fortemente marcada do catolicismo, manifestado por meio de festas religiosas de várias modalidades, tais como: folia, novenas, casamentos e batizados. Essas festas desempenham um papel social muito importante, pois é nelas que as comunidades têm a oportunidade de se reunirem, dividindo experiências passadas e emoções presentes.

Nessas ocasiões, parentes e amigos se reencontram e, por meio dos festejos, sentem-se mais próximos uns dos outros, restabelecendo a ideia de que todos fazem parte de um mesmo grupo e legitimando os princípios da comunidade. Vale frisar que os festejos são praticamente as únicas oportunidades que os jovens possuem para manter contatos com outras pessoas de comunidades diferentes, sendo nestes eventos que maioria dos adolescentes escolhe seus candidatos a um futuro casamento.

As lendas e mitos são fatos muito importantes para aquela população, porque trazem lembranças dos seus tempos passados, em contexto social, envolvendo suas imaginações e seu pensamento abstrato. Ou seja, por meio das lendas e mitos, as pessoas vivenciam sua cultura. Tendo como vista os aspectos sociais, as festas religiosas são oportunidades, também, para que os jovens se reúnam e se conheçam melhor. As festas também são um momento de comercialização. Nesses eventos, algumas pessoas aproveitam para vender bebidas alcoólicas, refrigerantes, doces e produtos de higiene pessoal; outros matam gado para a venda de carne. Estas pessoas aproveitam, portanto, para aumentar o seu capital por meio do comércio.

Marilena Chauí (2005, p. 15) enfatiza que

A Filosofia volta-se, também para estudo da consciência em suas várias modalidades: percepção, imaginação, memória, linguagem, inteligência, experiência, reflexão, comportamento, vontade, desejo e paixões, procurando descrever as formas e os conteúdos dessas modalidades de relação entre o ser humano e o mundo, do ser humano consigo mesmo e com os outros. Finalmente, a Filosofia visa ao estudo e à interpretação de idéias ou significações gerais como: realidade, mundo, natureza, cultura, história, subjetividade, objetividade, diferença, repetição, semelhança, conflito, contradição, mudança, etc.

Por meio desta pesquisa, percebemos que a Comunidade São Pedro Kalunga não tem nenhuma organização política que possibilite às pessoas exercerem seu poder, transmitido por meio dessa atividade o seu prestígio social. Apesar de existir pessoas que têm mais poder econômico que outras, o fator financeiro não lhes traz nenhuma melhoria em sua posição social perante os outros membros da comunidade.

CAPITULO III

3.0 DESAFIOS PARA A VALORIZAÇÃO DAS LENDAS E MITOS E O PAPEL DA ESCOLA DO CAMPO

Nesse capítulo, por meio das entrevistas realizadas com as pessoas da comunidade, refletimos as histórias, lendas e mitos na comunidade São Pedro.

A história da comunidade São Pedro, no Kalunga, vem desde o século XVI, quando os primeiros africanos (escravos) foram trazidos pelos portugueses para colonizar vários estados brasileiros. O sofrimento desses escravos começava na África, pois eram capturados e embarcados para o Brasil. Aqui, juntamente com os índios nativos, eles trabalhavam na produção de açúcar. Com a decadência da mesma, os colonizadores buscavam outras fontes de exploração, como o ouro e o Pau-Brasil.

Foi no final do século XVI que os habitantes descobriram o ouro e pedras preciosas em vários estados brasileiros, inclusive Goiás, iniciando assim a colonização dos mesmos. As atividades mineradoras entraram em declínio, muitos garimpeiros partiram de Goiás, deixando muitos escravos para trás, inclusive alguns mais velhos. Com medo de que os colonizadores voltassem para buscá-los, eles fugiram e se embrenharam nas matas, em busca de lugares de difícil.

Assim foram formandos os “quilombos”, que eram acampamentos, e é aí onde está a origem das comunidades chamadas Kalunga, situada no Estado de Goiás, nos Municípios de Monte Alegre, Cavalcante e Terezina, distribuídos ao longo do rio Paranã e seus afluentes. Com uma população de cerca de 4000 habitantes, ocupam uma área de aproximadamente 253.191.72 hectares, 600 km de Goiânia, constituindo-se numa das maiores comunidades quilombolas do país.

A antropóloga Baiocchi (1999) foi quem ajudou a comunidade Kalunga a conhecer suas origens e se libertar do preconceito e das humilhações sofridas por aqueles povos. Seguindo suas orientações, eles começaram a reivindicar seus direitos, como educação e saúde. Ela coordenou e orientou um projeto de valorização das comunidades quilombolas Kalungas.

Ao longo do tempo, os índios começaram a conviver com a escravidão. Não foi fácil a convivência entre eles, mas com o passar do tempo os povos do Kalunga acabaram se mesclando com os índios, herdando alguns dos seus costumes. Ali, sobreviveram escondidos

por mais de 200 anos, sem contatos com civilização. Os negros remanescentes de quilombos resistiram até os dias atuais, mantendo alguns de seus costumes e tradições, apesar de que algumas foram rompidas.

Os povos Kalunga possuem uma cultura diversificada, influenciada pelos africanos e pelos colonizadores. Suas manifestações artísticas integram-se ao seu cotidiano por meio da produção de artesanatos de ouro, madeira, barro e do buriti (planta nativa da região). Um fator importante é o calendário, que se diferencia do romano por estar ligado à religiosidade e à colheita. A tradição religiosa se dá por meio de festa de cunho religioso de várias modalidades como folias, novenas, casamento e batizados, que são realizadas praticamente o ano todo. Essas festas desempenham um papel social muito importante, pois é através delas que as comunidades têm a oportunidade de se reunir, dividindo experiências passadas e emoções presentes.

Nessa perspectiva, a Constituição Federal (1988) afirma que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais (EC nº 48/2005).

Os Kalungas, em maioria, são pequenos produtores rurais que vivem basicamente da agricultura, da pecuária, da criação de galináceos, suínos, além do extrativismo vegetal. Por muito tempo, eles tiveram sua cidadania alijada, pois desconheciam os seus direitos. Com uma história marcada por discriminação e humilhação, os costumes e linguajar da comunidade Kalunga também eram alvo de preconceito pelas pessoas de outras regiões. Diante disso, os Kalungas negavam sua identidade. Felizmente, nos últimos anos, graças a uma visibilidade do grupo na mídia, a carga pejorativa foi sendo reduzida.

A partir de 1981, os Kalungas começaram a reivindicar seus direitos, tais como saúde e educação. Essas lutas foram orientadas pela antropóloga Mari de Nazaré Baiocchi, uma das primeiras pessoas a estudá-los. Ela elaborou e coordenou os projetos de valorização e preservação da memória do Povo Kalunga.

É importante relatar que a comunidade Kalunga é dividida em fazendas. São aproximadamente de 30 famílias, com uma vivência e especificidade cultural que a torna um grupo social com uma identidade própria. A sua relação com a natureza mostra a criatividade com uma adaptação de vidas ao meio ambiental local, em todas as dimensões comunitárias, seja na organização familiar ou na manifestação religiosa. Junto à especificidade cultural, as casas da comunidade são feitas de paredes de adobe, e o telhado de palha trançada. Este trabalho é feito pelos próprios membros da comunidade, usando argila e folhas encontradas na

região. Nada é comprado, tudo é feito pelas pessoas que vão morar na casa, que, frequentemente, contam com a ajuda de familiares e amigos.

Na região, existem redemoinhos frequentes. Devido a esse fator, o vento alastra incêndios, e fogo queima as casas. Outras vezes, os redemoinhos levam as palhas do telhado das casas, deixando-os desprotegidos das chuvas. A saída é fazer novamente fazer telhados de palha.

Quando vai se casar, o casal constrói primeiro a sua casa, perto da casa do pai do noivo. Em geral, uma casa improvisada, feita de palha ou de pau a pique. Os moveis da casa são feitos de madeiras de buriti, planta nativa da região, e as panelas, pratos e talheres são trazidos da cidade. As mulheres da comunidade preferem as panelas de alumínio, porque são mais fáceis de limpar e mais bonitas do que as de ferros. Não existe água encanada nas casas, as mulheres caminham vários quilômetros para buscá-la nos riachos ou rios. Na época das secas, a água dos riachos fica mais escassa; e a busca, mais longínqua.

Uma dificuldade vivenciada pela comunidade São Pedro refere-se à péssima condição das estradas. As pessoas andam vários quilômetros para conseguir meios de transporte para ir à cidade. O transporte utilizado é caminhão e caminhonete, em péssimas condições. A família Kalunga é composta pelos pais, filhos, tios, primos e avós. Essas pessoas se ajudam sempre que necessitam, eles confiam uns nos outros e protegem seus familiares contra quaisquer tipos de males.

A maioria dos povos da comunidade São Pedro cria gados, em geral, para abates, e galinha. Eles não têm os costumes de dar presentes em datas comemorativas, como aniversários casamentos ou nascimentos, como acontece na sociedade brasileira, de modo geral. Ao invés disso, eles trocam alimentos, como uma forma de criar laços entre pessoas. Desse modo, eles se sentem moralmente em dívida com o outro que lhes prestou um serviço. Essas contribuições podem ser também ser feitas através de troca de serviços, como a ajuda de construção de uma casa, por exemplo. Na família, a mulher desempenha um papel principal, é ela que cuida dos filhos, do plantio e da colheita, além disso, ainda ajuda seu marido na roça.

Antigamente, houveram casamentos com índios da região, o que pode ser comprovado pelas feições de algumas pessoas da comunidade e pelos relatos sobre os índios que moravam nas proximidades. Conta-se que havia uma tribo que morava na fazenda da Contenda e que tinha pouco contato com os Kalungas. Atualmente, não há indícios de índios perto da

comunidade, mas várias pessoas contam ter visto alguns passando pelas suas terras, principalmente à noite, assobiando alto ou assustando as galinhas.

Na hora vagas, o povo da comunidade gosta de reunir na cozinha de alguma casa ou à sombra de uma árvore e conversar. São nesses bate-papos que eles ficam a par do que está acontecendo em outros lugares da comunidade, relembram fatos que ocorreram no passado e contam histórias, causos e sorriem à vontade.

O aspecto econômico e identidade étnica da comunidade São Pedro encontra-se nas suas características políticas e econômicas, que envolvem a maneira com que eles se organizam politicamente, a atuação das suas lideranças atuam e suas relações e expectativas com a comunidade. Por muito tempo, a comunidade não teve nenhuma forma de organização, cabendo somente aos mais velhos repassarem seus conhecimentos e conselhos para os mais novos, por meio da tradição oral.

Após a oficialização da comunidade como remanescente de quilombos, viu-se a necessidade de se formar uma associação comunitária que defendesse os direitos Kalungas perante os órgãos governamentais. A associação Kalunga atende aos municípios de Monte Alegre, Cavalcante e Teresina de Goiás, tem um presidente que representa a comunidade nas reuniões, onde são arrecadadas verbas em forma de doações para a comunidade. O presidente cuida, ainda, da parte burocrática, assinando papéis e indo aos cartórios.

A comunidade, através da reivindicação dos seus direitos como cidadãos, conseguiu uma melhoria no setor da educação e saúde. Apesar das melhorias na região dos Kalungas, com a abertura da estrada e a vinda da caminhote, a comunidade continua, em muitos aspectos, isolada do contexto nacional.

Com a falta dos meios de comunicação, como rádio e televisão, as pessoas não sabem o que se passa no resto do Brasil e do mundo, desconhecendo todos os problemas políticos do Brasil. Na comunidade não existe pessoas com formação de curso superior, e poucas são as que possuem segundo grau. Vale lembrar que a comunidade possui somente uma escola, que atende apenas ao Ensino Fundamental.

A comunidade não tem nenhuma organização política onde a pessoa pode exercer seu poder transmitido através do seu prestígio social. Existem pessoas que têm mais poder econômico que outras, entretanto, seu poder financeiro não lhes traz nenhuma melhoria em sua posição social perante os outros membros da comunidade.

As leis da comunidade são passadas implicitamente dos mais velhos para os mais novos, numa tradição oral muito forte. As crianças estão sempre escutando o que os adultos

estão conversando, e depois passam as informações a outras crianças. Apesar desses relatos não serem mais que um relato do que ela escutou, mostra que a criança captou a mensagem dos mais velhos.

Um setor que não se modificou com a legitimação da comunidade foi o setor comerciário. Os Kalungas continuam vendendo suas farinhas de mandioca e frutas típicas; retiram óleos de frutos, como pequi e coco, e comercializam nas cidades vizinhas. Com o dinheiro adquirido nessas comercializações, eles adquirem produtos manufaturados. Não existe nenhuma empresa na comunidade, pois os produtos que eles vendem são somente os excedentes.

A comunidade São Pedro acredita na religião católica, manifestando sua fé de maneira específica, de acordo com o contexto em que se encontram, mostrando assim que mesmo uma religião universal é adaptada à identidade de um grupo. Além da fé na igreja católica, os kalungas têm suas crenças e simpatias populares.

A trajetória histórica da comunidade São Pedro, revela uma longa história cheia de mistérios, desafios e lutas. Ainda hoje é possível perceber que os moradores desta comunidade têm várias histórias fantásticas, envolvendo lendas e mitos para serem contadas e sistematizadas.

A comunidade acredita em histórias envolvendo seres sobrenaturais, como “alma penada”, “saci-pererê”, entre outros entes considerados encantados. Outras crenças da comunidade também fazem parte do Folclore brasileiro, como a história do caipora; pessoa de uma perna só, que faz travessuras com as pessoas e que ninguém consegue pegar. Contos que são famosos são as histórias de bichos que moram no rio Paranã, como o noratim e o rodete. Essas histórias eram contadas e, segundo a comunidade, vividas pelos homens que costumavam remar pelo rio. Não há dúvidas que a comunidade acredita na história desses bichos e da alma penada. Essas narrativas preenchem a vida das pessoas, ensinando que existem mistérios na vida que o homem não sabe explicar, por isso, a comunidade deve aceitá-los como são.

Na comunidade kalunga, verifica-se a presença da religião católica com elementos locais. Os santos que são adorados são os católicos; e as histórias contadas sobre eles (quando existentes) são as mesmas contadas pelas populações vizinhas. São histórias sobre os milagres que os santos podem fazer para a população, como chamar chuva, curar pessoas doentes e proteger crianças pequenas de males da natureza. Neste meio, vemos a existência de ritos tipicamente da comunidade kalunga. Toda religião de caráter universal, como a religião

católica, mas pode apresentar especificidades, por serem estas adaptadas ao contexto local.

Outro aspecto das festas religiosas é o papel social que elas desempenham. São nessas festas que a comunidade toda tem a oportunidade de se reunir, dividindo neste momento experiências passadas e emoções presentes. Pelo fato de esta comunidade ser dividida em fazendas, sem um meio de transporte que possa ligá-la a outras áreas, são nessas atividades que parentes distantes se reencontram. Kalungas que se mudaram para outras cidades voltam para a comunidade para comemorar estas datas religiosas. Estas festas, portanto, tem um caráter de união da comunidade. São nelas que as pessoas se sentem mais próximas umas das outras, reestabelecendo-se assim a idéia de que estas pessoas fazem parte do mesmo todo, legitimando-se portanto o caráter de comunidade deste grupo.

Outro aspecto social é a oportunidade que estas festas dão para os mais jovens de se reunirem e conhecerem-se melhor. Esta é a única oportunidade que os jovens têm de manterem contato com adolescentes de comunidades que vivem distantes. São nessas festas que a maioria dos adolescentes escolhem seus candidatos para o estabelecimento de uma vida matrimonial.

As festas também são um ponto de comércio. Alguns aproveitam para vender bebidas alcólicas, refrigerantes, doces e produtos de higiene pessoal, enquanto outros matam gado para a venda de carne. Estas pessoas aproveitam portanto para aumentar o seu capital por meio do comércio.

As festas também têm um caráter de diversão. Existem pessoas que vão simplesmente para dançar, beber com os amigos ou se banhar no rio. Principalmente para as crianças, esse é o motivo principal da presença delas na festa.

3.1 O PAPEL DA ESCOLA DO CAMPO

Segundo Paulo Freire (2011), uma educação do campo significa pensar numa escola sustentada no enriquecimento das experiências de vida, obviamente não em nome de permanência, nem da redução destas experiências, mas em nome de uma reconstrução dos modos de vida, pautada na ética da valorização humana e do respeito à diferença, tendo como referência a Constituição de 1988, e mais recentemente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº9394/96, como marco legal nesse processo de afirmação da Educação no Campo dos direitos humanos e sociais.

A Educação no Kalunga surgiu com um projeto, em 1991, que é na verdade um subprojeto do projeto povo da terra, que teve como inspiração a proposta pedagógica de A. Makarenko, em poemas pedagógicos.

A secretaria Estadual de Educação, juntamente com a Universidade Federal de Goiás (UFG), tinha o objetivo da alfabetização de aproximadamente 200 mil pessoas adultas na região, com objetivo de resgatar a cultura local, orientando os professores por meio de conteúdos programáticos, organizado pelos diversos temas: posições teóricas metodológicas para o Estado afro-brasileiro; parâmetros históricos sociocultural da comunidade e orientações para uso da cartilha kalunga-estórias e textos (BAIOCCHI, 1999). Vale ressaltar que a cartilha criada é formada de versos e estórias contadas por pessoas da comunidade, sua linguagem apresenta as variações linguísticas do povo Kalunga, que é paralelamente transcrito de acordo com a norma culta.

É importante frisar que o projeto mencionado não foi totalmente aceito em sua implantação, pois a educação de adultos da comunidade não se consolidou. Com a rejeição do projeto pela comunidade (pais, alunos e professores), a proposta foi adotada para educação de crianças da primeira fase do Ensino Fundamental, e depois houve a necessidade de criar a segunda fase do Ensino Fundamental.

Hoje, a educação na comunidade São Pedro no Kalunga acontece em cinco unidades escolares que ficam situadas em várias fazendas. Foi nesse contexto que este trabalho foi desenvolvido. As unidades educacionais são formadas por uma gestão democrática que dá suporte a um grupo de gestores, composto por um diretor; um secretário, que conta com a equipe escolar; um coordenador pedagógico em cada unidade escolar; um gerente da merenda; e uma dupla pedagógica, da Subsecretaria Regional de Educação, de forma compartilhada. Pelo fato de ser um único grupo gestor, a sede é instalada em Campos Belos, no prédio da Subsecretaria.

Esse grupo gestor atende todas as unidades escolares, utilizando um carro da Subsecretaria e um caminhão que faz linha para a Comunidade Kalunga. A maioria dos professores e auxiliares de serviços gerais utiliza este meio de transporte, que coloca a vida de um todo em risco devido às más condições. Esses servidores fazem, por mês, uma breve visita aos seus familiares, sendo que as datas são marcadas de acordo com calendário escolar. Nessa mesma data recebem o pagamento e participam de reuniões pedagógicas. Em geral, esses servidores têm contrato temporário, válido por um ano.

Na escola São Pedro, na Comunidade Kalunga, o conselho de classe é realizado no final do bimestre, e tem como participantes um grupo de gestores e representante de alunos.

Os moradores kalunguenses mais velhos que têm algum estudo, como o professor Faustino ou seu Laurindo, sabem o quanto lhes custou a educação adquirida. Eles lembram que naquele tempo, apesar de não existir escola no Kalunga, não era só professor que ensinava às crianças e aos jovens, qualquer um que chegasse e soubesse ler, o menino pedia a lição, e a pessoa o ajudava. A partir daí, podia ir embora que o menino estudava sozinho, até que chegasse outro que pudesse corrigir.

Antes de aparecer o pessoal da SUCAM lá no Kalunga, outros vinham estudar nas cidades Monte Alegre, Cavalcante entre outras cidades. Por isso é que hoje se vê o quanto as coisas mudaram, desde aqueles tempos. Hoje, no Kalunga, por toda parte existe escola. Algumas mais humildes, quase no meio do mato, feitas de pau a pique, como o resto das casas do lugar. Ali estudam alunos de pequenas escolas rurais da região que foram desativadas, porque as crianças agora são levadas de ônibus para essa nova escola, maior e melhor equipada.

Segundo Freire (2011, p. 12):

A educação do campo deve compreender que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, têm nomes e rostos, lembranças, gêneros, raças e etnias diferenciadas. Cada sujeito individual e coletivamente se forma na relação de pertença à terra e nas formas de organização solidária.. Portanto, os currículos precisam se desenvolver a partir das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço físico e simbólico, do território, dos sujeitos, do meio ambiente.

Percebe-se que a Educação do Campo é muito importante. O ensino às crianças do que se aprende normalmente na escola, como ler, escrever, contar, história, geografia, é indispensável para uma criança entender o mundo moderno e saber viver melhor nele. Mesmo para a melhoria de vida de todo o povo Kalunga, o estudo é necessário. Porque ninguém vai poder defender a comunidade se não souber como lidar com esse mundo que está fora dela, e que, muitas vezes, é uma ameaça. Assim, valorizar a região lá fora, só mesmo com a educação que se tem na escola. Entretanto, esta não é a única educação que existe, nem a única de que o povo Kalunga precisa.

Durante quase dois séculos, de geração a geração, eles foram aprendendo entre si modo de viver que conserva as marcas da luta heroica que os antigos enfrentaram para defender sua dignidade e identidade. Uma luta contra uma sociedade cruel e injusta. Isso é o

que as crianças Kalunga aprendem nas festas, quando se veem como parte desse povo, como membros de uma comunidade.

Segundo Freire (2011, p.13) “a escola do campo é uma concepção que está vinculada à realidade dos sujeitos, realidade esta que não se limita ao espaço geográfico, mas que se refere, principalmente, aos elementos socioculturais que desenham os modos de vida desses sujeitos”.

De acordo com o Dicionário de Educação do Campo (2012), a concepção da escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da Educação do Campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e a educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições de luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no Campo.

Conforme Baiocchi (1999), os versos e histórias contadas por pessoas da comunidade São Pedro Kalunga e seu modo de vida é paralelamente transcrito de acordo com a norma culta, e modo de vida dos povos do campo é entendido como uma configuração bastante dinâmica e que acontece no decorrer de suas eventualidades, podendo ser compreendida através de conversas, lendas e mitos. Para Brandão (2011), existe o conceito tradicional e cultural, investindo nos caracteres individual seu imaginário, mas a gente não vê como experiência da luta e de resistências no passado e no presente para permanecerem no território ancestral.

A valorização dos costumes está sempre presente na vida de cada um, como motivo de alegria e descontração. Dada a sua importância, faremos uma breve contextualização sobre a sua importância. De origem letrada, lenda, legenda, possui características de fixação geográfica e pequena de formação e conserva as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade.

A comunidade São Pedro Kalunga tem em seus costumes a prática de contar Lendas, como se fosse mais verdadeira que uma história, porque muitas vezes são tomadas como ensinamentos de vida para seus filhos e comunidade, mostrando o papel da cultura e respeito por um ser humano em um todo, como referência de acontecimentos e imaginários de personagens fantásticos.

Com isso, o conto das lendas precisa de uma moral, que possa passar para o ouvinte, de forma clara e simples, que fica nas memórias como se fosse algo presente. É importante salientar que as lendas são sempre repassadas pelo detentor do conhecimento, é de pai para

filho, conhecimentos que são socializados na relação com os mais velhos, com vizinhos, enfim, com tudo aquilo que envolve a comunidade no seu cotidiano, na sua realidade.

De acordo com Xavier (1997), mitos são seres fantásticos que vivem no mundo de imaginação popular e que, às vezes, têm forma de gente, e, às vezes, de bichos, outras vezes dos dois juntos. O mesmo mito, em diferentes regiões, pode ter características e nomes diferentes muito importantes que fará sua imaginação voar alto e longe, e crescer, e se encantar.

A maioria dos autores com os quais dialogamos na construção deste trabalho, afirmam que as lendas e mitos tornam-se entendidos como histórias que relatam a cultura e a vida da comunidade quilombola, como momento divertido que relata sua própria memória, cultural, que explica o sentido da vida.

Segundo Brandão (1993), onde não há escola, por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferências de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada à sombra de algum modelo de ensino formal e centralizada. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser.

3.2 REGISTRO DAS LENDAS NA COMUNIDADE SÃO PEDRO.

Percebemos que o contar das histórias por pessoas mais velhas traz de volta sua imaginação e as lembranças através da memória com um conhecimento que favorece a transmissão de costumes e uma fantástica tradição oral, como uma manifestação artística no cotidiano dos moradores daquela região.

A partir das entrevistas, realizadas com alguns moradores da comunidade, com uma faixa etária de 56 a 78 anos, conhecemos algumas experiências contadas por eles. As conversas com os moradores foram realizadas em momentos mais propícios, para a elaboração da experiência de cada um deles.

A Mula Sem Cabeça

Certo dia, um homem queria fazer uma viagem, só que não tinha meio de transporte. Ele saiu de casa, entrou na mata, subiu em uma árvore e chamou uma mula sem cabeça. O

bicho apareceu, ele pulou em cima e seguiu viagem. No fim do dia, ele voltou e pendurou numa galha de uma árvore, e a mula sem cabeça foi embora.

A Cobra Sucuri

Na comunidade Kalunga tinha um rio que possuía muita água e nunca havia secado, e na nascente tinha uma cobra sucuri gigante que morava ali. Só que um belo dia um homem matou a cobra, e o rio sucuri secou e não segurou água nunca mais. Acredita-se que a sucuri dava vida àquele rio e não o deixava secar.

A Mulher do Bocão

Na comunidade São Pedro corre um rio chamado de Paranã. Antes de chegar nesta comunidade tem um trecho em que a estrada passa bem perto do rio, tendo um caminho bem estreito chamado de “bocão”. Neste lugar tem uma mulher que se veste toda de branco para assombrar os motoqueiros que passam por ali. No momento em que o motoqueiro passa, a mulher senta na garupa da moto, e o motoqueiro fica assombrado.

O Menino e o Arco Íris

Certa vez, tinha um menino que gostava muito de brincar na mata. Era sábado, e o garoto foi curtir o final de semana brincando na mata. Quando o menino olhou para o alto, avistou um belo arco íris e apontou o dedo para ele. De repente, começou a ouvir um barulho que foi só aproximando dele, era o arco íris, que aproximou e abriu a boca para o engolir, o mesmo saiu correndo e chegou em casa assombrado e sem falar, e só depois que ele conseguiu falar o que havia acontecido.

O Noratim

Uma mulher tava grávida e a criança chorou na barriga dela e ela não disse nada a ninguém. Quando a mulher não conta que a criança chorou, a criança nasce encantada. Ela tava grávida de dois. Quando as crianças nasceram, nasceram em forma de serpente. Quando a parteira viu, ela quebrou o encanto da menina, mas a outra serpente fugiu. Fugiu e chegou no rio. Ele foi subindo o rio, passando por vários lugares. Passou pela baleia, mas a baleia não pegou ela porque tava rodeada de ouro. O seu Magalhães encontrou ela e feriu. Mesmo ferido, o Noratim seguiu adiante. Foi parar no pará. Lá ele ia pras festa de noite, transformado em gente. Quando terminava a festa, ele ia pro rio novamente, transformando-se em serpente. As

peessoas do local começaram a desconfiar. Eles não sabiam da morada dele, e foram atrás dele no final da festa. Chegando lá, viram ele se transformar em serpente. Foram para matar ele. Enquanto matavam a serpente, ela reclamava que tinha muita fortuna mas que o seu Magalhães tinha ferido ela e que não podia ser mais rica não.

Pescaria na Sexta Feira da Paixão

Certa vez, um rapaz foi para o rio pescar no dia de sexta feira da paixão. Sua mãe havia falado que não podia pescar neste dia, mas o rapaz não obedeceu. No momento em que jogou o anzol na água, algo puxou o anzol, quando ele retirou o anzol veio uma toalha branca. O rapaz saiu correndo para casa. Chegando lá, contou o fato para sua mãe. Ela disse: “Avisei que nesse dia não podia pescar, mas você teimou!”.

O Morro Encantado

Na comunidade Kalunga existe um morro encantado que ninguém conseguiu subir nele. Muitas pessoas já tentaram, mas quando estão no meio do caminho começam a escutar barulhos de gado mugindo, gente falando, e cachorro latindo. Ficam tontas e não conseguem continuar. Voltam correndo, com medo, porque no morro não tem ninguém e não sabem de onde vêm esses barulhos. Dizem que isso é por causa do ouro que existe dentro da terra. A mãe do ouro protege o morro, afastando os garimpeiros ambiciosos com esses barulhos. Os Kalungas não descobriram como quebrar esse encanto. Quem conseguir vai poder explorar o ouro do morro e ficará muito rico.

O Homem que virava onça

Na comunidade Kalunga, havia um homem que à noite virava onça. Uma vez era uma noite de lua cheia, ele virou onça e matou uma novilha na fazenda do próprio filho. Quando viu a novilha morta, o filho pensou: “- Isso é coisa de onça. Vou ficar aqui de tocaia para pegar essa onça”. Ele passou o dia e a noite esperando a onça aparecer novamente. De repente, ele ouviu um barulho no mato. Era a onça que estava vindo, devagar. Ele se preparou, armou a espingarda, mas quando a onça chegou perto, ele percebeu que era seu pai e não atirou. A onça fugiu espantada. Quando do filho chegou em casa o pai já estava lá. Ele disse: “- Pai, o senhor tem de parar com essa estória de virar onça. Hoje quase atirei no senhor”. Vamos a uma rezadeira para o senhor ficar livre desse encanto. Assim fizeram. A rezadeira quebrou o encanto e o homem nunca mais virou onça.

A Alma penada

Certa vez, um homem estava viajando de burro. Quando chegou no meio da estrada, ele viu uma alma penada, naquele instante seu burro não quis seguir adiante. Ele, então, tentou acender um fósforo, mas este sempre se apagava. O jeito foi desviar da alma penada, que era uma mulher, e seguir o caminho. O medo foi tão grande que quando chegou em sua casa, ainda não conseguia falar de tão assustado.

A Viúva e o Falecido Marido

Certa vez, uma viúva me contou que o falecido marido rondava sua casa à noite fazendo estripolias. Um dia ela acordou com o barulho das galinhas e levantou para ver o que era. Chegando lá fora, ela viu uma galinha no ar, de cabeça para baixo, como se estivesse sendo segurada pelos pés. Crente que era seu marido que estava fazendo aquilo, xingou ele pelas suas travessuras, pedindo-o para deixá-la em paz e foi dormir novamente. Desse dia em diante, ele não a perturbou mais.

3.3 REGISTRO DOS MITOS NA COMUNIDADE

Neste mesmo sentido, percebe-se que o vínculo entre mitos na comunidade é muito forte e com grande representação no Kalunga, representando um espaço social e educador na região trazendo sua cultura passada por pessoas mais velhas até os mais novos.

De acordo com Xavier (1997), mitos são seres fantásticos, que vivem no mundo da imaginação popular.

- Se alguém pescar na sexta-feira santa, ao invés de pegar peixe pega uma toalha branca;
- Não pode deixar colocar as mãos atrás do pescoço, pois os pais morrem mais cedo;
- Se alguém vir um arco íris e apontá-lo com o dedo, ele engole a pessoa e depois vomita, só que a pessoa é vomitada com outro sexo;
- Se uma pessoa olhar para o céu no mês de maio e não ver sete estrelas, ela não chegará ao mês de maio do ano seguinte;
- Se a pessoa fizer um remédio caseiro e lavar a vasilha em seguida, o remédio não faz efeito.

A comunidade São Pedro está ligada a uma importante tradição de religiosidade; e a colheita segue um calendário, que se diferencia do romano, e se dá por meio de festas de cunho religioso de várias modalidades como: folias, novenas, casamentos, batizados, que são realizadas praticamente o ano todo. Eles comemoram desde quando começam a roçadas, fertilização até a colheita.

Para comunidade, essa relação é parte de seus costumes, tradições e religiosidades, que são fortes porque tem um vínculo de oportunidade de vivenciar o que foi experiências no passado. Por meio dessa cultura, as pessoas mais velhas continuam presente até os dias atuais com grandes emoções, por grupo familiar que ali vivencia. Vale frisar que através dessa convivência os jovens possuem oportunidade de conhecer pessoas diferentes, que podem chegar até um casamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho revela que na comunidade São Pedro Kalunga há uma tradição africana oral presente, como ritmo de vida passada por pessoas mais velhas. com uma conservação de cultura e identidade remanescente por lutas e direitos. Até o presente momento, as lendas e mitos fazem os moradores ver o mundo da cultura pela comunidade como um movimento social. Este registro traz lembranças de memórias, como modo de vida e cultura. Durante o processo de pesquisa, tivemos uma resposta satisfatória no que se refere aos conhecimento dos moradores, as lendas e mitos.

Diante disso, o resultado foi satisfatório. Contudo, esse estudo teve o registro da conservação, identificação do povo da comunidade kalunguense, como lembranças de recordações dos povos mais velhos que ensinaram essa tradição que hoje é contada como costumes de muitos anos preenchendo a vida das pessoas da comunidade.

Este estudo é muito importante para a comunidade São Pedro, porque traz suas histórias de vida, oportunizando revelar que existe uma cultura por pessoas mais velhas, que até hoje permanecem presentes na comunidade seus costumes e memórias. Pode se concluir que esse registro, desenvolvido por uma pesquisa acadêmica, é de grande valia, pois teve um olhar diferenciado. É importante contar o que existe nas suas memórias para outras pessoas, vindas de cultura diferente, assim, esses saberes não ficam exclusivamente entre eles.

De acordo com a profissão deste pesquisador, esta pesquisa contribuiu muito no que se refere ao conhecimento da cultura e dos costumes. Por meio deste trabalho é possível resgatar lembranças de suas memórias que o pesquisador ainda não tinha vivenciado, pois é de outra comunidade quilombola. Entretanto, a família não tinha o costume de contar histórias, então, foi durante o período que atuou como professor, nessa comunidade, que este pesquisador conheceu essa realidade e interessou-se por estudá-la.

Segundo os autores do Dicionário da Educação do Campo (2012), a relação da escola do campo com a comunidade é o ponto nevrálgico de sua estrutura e da garantia de sua identidade, como a inserção desta prescrição nos marcos legais, com a explicitação nas diretrizes da presença dos movimentos sociais no seu interior, é de vital identidade, e está mais esclarecida no verbete escola do campo.

Este trabalho é muito importante para as escolas do campo, pois, trata-se dos estudos de sujeitos que possuem histórias e modos de vida diferentes. O estudo ainda aprofunda na realidade nos elementos socioculturais dos sujeitos, uma vez que uma educação do campo

satisfatória deve compreender esses sujeitos, sua história de vida e suas experiências, com valorização e respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rafael Sânzio. Projeto Cartográfico – Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográficas da Universidade de Brasília. Fonte: BAIOCCHI, Mari de Nazaré, Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Brasília: Ministério da Justiça, Unesco, 1999.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. Kalunga: Povo da terra. 1. Ed. Brasileira: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos direitos Humanos, 1999.

BRAGA, C. M. L. A etnometodologia como recurso metodológico na análise sociológica. Ci. Cult., v. 40, n. 10, p. 957-66, out. Cidade: Editora, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidade Tradicional, Cidade: Mimeo, 2011.

_____. O que é Educação. 28ª ed. Cidade: Ed. Brasiliense, 1993.

BRASIL, Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização e Diversidade, Cidade: editora, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental - MEC. Uma História do Povo Kalunga. Cidade: Editora, 2001.

BRASIL, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Subsecretaria de gestão da Política de Direitos Humanos. Direito Humanos para Quilombolas: consciência e atitude. Brasília: editora, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 11 ed. ilustrada- São Paulo: Global, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Convite á filosofia. Ed. 13ª 4ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2005.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo.S.V. Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. São Paulo: USP, 2001.

FREIRE, Paulo .Educação do Campo: Identidade em Construção. 2ª Edição. Cidade: Editora,

2011

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro DP&A E e Paulo Dias, ESditora, 2006.

LIMA, Antonia Silva de. A lenda da Vitoria Régia: Dois olhares para um destino. Tese de doutorado. 1. Ed. Porto Alegre: Pontifica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

OLIVEIRA, R,C. Identidade etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976.

.SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História oral: Vozes, narrativas e textos. Cadernos de História da Educação. Cidade: editora, 2007.

XAVIER, Marcelo Andre. Mitos: Folclore. Fotografia Gustavo Campos 19ª ed. São Paulo: editora, 1997.

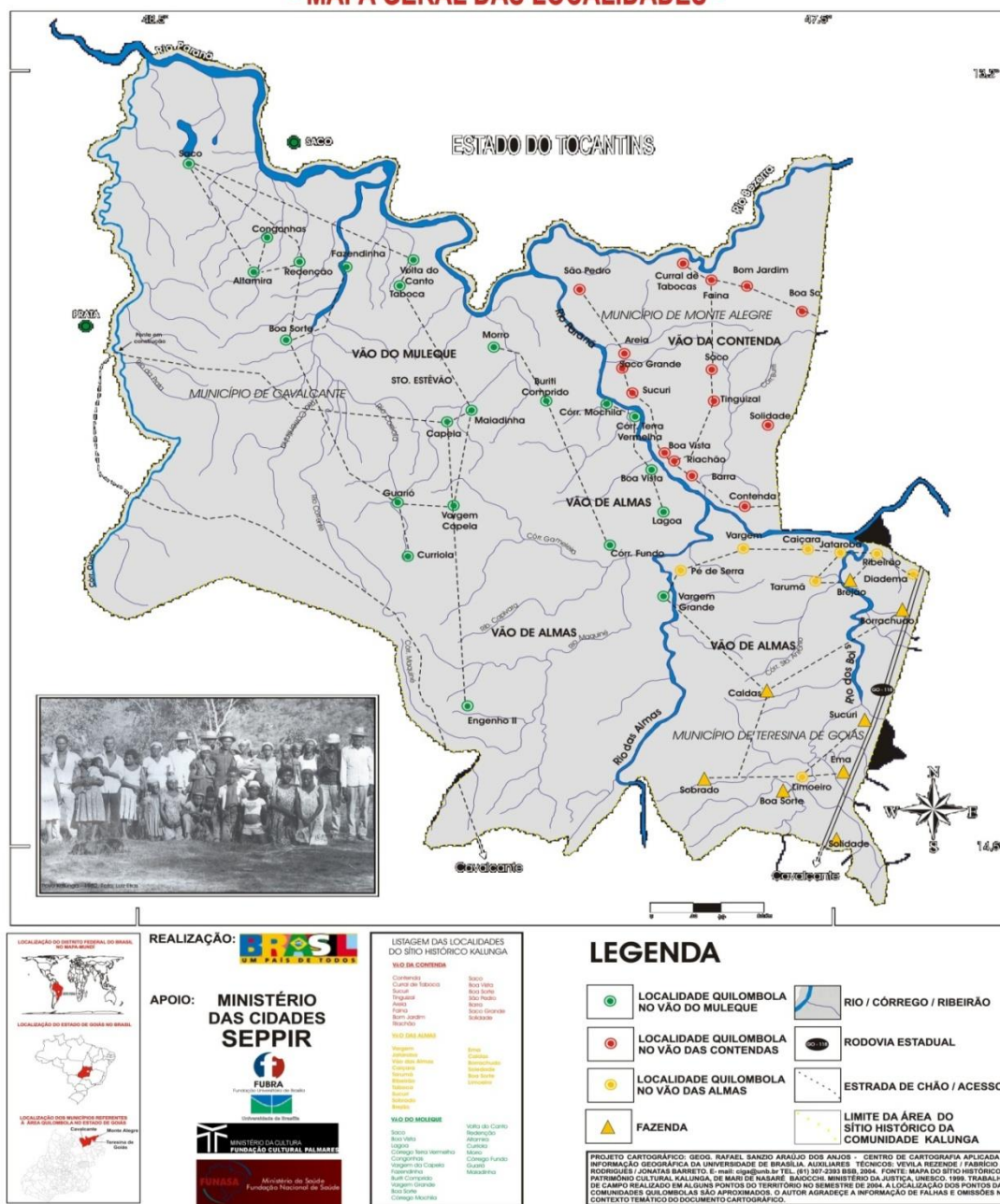
CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO Gaudêncio. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

ANEXOS

Anexo I: MAPA

Figura 1: Mapa do Sítio Histórico e cultural do remanescente Quilombo Kalunga

SÍTIO HISTÓRICO E CULTURAL DO REMANESCENTE DE QUILOMBO KALUNGA - GO. - MAPA GERAL DAS LOCALIDADES -



Fonte: Araujo (1999)

ANEXO II - Roteiro de entrevistas realizadas com a comunidade São Pedro Kalunga

ANEXO II

Roteiro de entrevistas realizadas com a comunidade São Pedro Kalunga

Data da entrevista.

1. Dados pessoais do (a) entrevistado (a):

Qual seu nome completo? R: Rufino da Cunha e Silva

Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade? R: no Kalunga município de Monte Alegre-GO (no Campo).

Quantos anos têm? 78 anos

Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano) R: 30/07/1935

Qual seu estado civil? R: Viúvo

Quantos filhos têm? Onde nasceram? R: 09, no Campo

O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução? R: sim 4º ano

Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida? R: Aposentado. Lavrador e depois como Agente Comunitário de Saúde

2. O (a) senhor (a) gosta de ouvir histórias? R: Sim

3. Na sua infância, o (a) senhor (a) ouvia muitas histórias (Lendas e Mitos) dos mais velhos? R: Sim

4. Como essas histórias eram contadas? Por Quem? Eram contadas á noite.?R: Meus pais e meus avós.

6. Quais histórias (Lendas ou Mitos) eram contadas? (apenas citar quais)

Histórias de Lobisomem, Saci-pererê, Boto, Alma Penada, Serpente. Não pode deixar colar as mãos atrás do pescoço.

7. Quais histórias gostavam mais de ouvir? Por Quê? R: De alma penada, pois era muito engraçada.

8. Pode contar essas histórias (lendas ou Mitos)? R: Sim

9. Você acha interessantes as lendas e mitos aqui na comunidade? Por quê? R: Sim, porque faz lembrar-se do tempo de criança que meus povos mais velhos contavam.

10. Você ensinou aos seus filhos (lendas e Mitos)? Por Que ensinou? R: Sim, porque aqui nos costumamos a ensinar aos nossos filhos, porque no dia de amanhã ele terá que contar para os filhos deles, e nós estamos velho, podemos a faltar a qualquer hora, aí eles precisa contar para filhos deles.

11. Você acha que essas (Lendas e Mitos) serve de referência na formação de

seus filhos? Como, por exemplo? R: Sim. Às vezes a gente conta para nossos filhos, e eles deixam de fazer coisas erradas por conta do medo da lenda e do mito, porque se fizer aconteça alguma coisa, então eles deixam de fazer. E também serve de educação. Aqui, nossa cultura é bem forte, meus avós passou para meus pais e eu tenho que repassar para meus filhos e netos e outras pessoas que chegarem a minha terra.

Data da entrevista.

1. Dados pessoais do (a) entrevistado (a):

Qual seu nome completo? R: Lindaura Costa Serafim

Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade? R: no Kalunga, município de Monte Alegre –GO (no Campo).

Quantos anos têm? R: 56 Anos

Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano) R: 20/01/1957

Qual seu estado civil? R: Casada

Quantos filhos têm? Onde nasceram? R: 03, no Campo

O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução? R: Não.

Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida? R: Aposentada, Lavadora.

2. O (a) senhor (a) gosta de ouvir histórias? R: Sim

3. Na sua infância, o (a) senhor (a) ouvia muitas histórias (Lendas e Mitos) dos mais velhos? R: Sim

4. Como essas histórias eram contadas? Por Quem? Eram contadas á noite? R: Meus pais e meus avós.

6. Quais histórias (Lendas ou Mitos) eram contadas? (apenas citar quais)

Estórias de Lobisomem, Saci-pererê, Alma Penada e cobras. Se alguém pescar na sexta feira santa.

7. Quais histórias gostavam mais de ouvir? Por Quê? R: De cobras e Noratim, pois era muito engraçada.

8. Pode contar essas histórias (lendas ou Mitos)? R: Sim

9. Você acha interessantes as lendas e mitos aqui na comunidade? Por quê? R: Sim. Em nossa comunidade os nossos pais e pessoas mais velhas costumam sentar

embaixo de árvores e à noite para contar as histórias, como se fosse uma realidade de vida, aí a gente aprende e também conta para nossos filhos e neto e crianças pequenas que moram aqui.

10. Você ensinou aos seus filhos (lendas e Mitos)? Por que ensinou? R: Sim, porque aqui nos passamos para eles o que nossos pais nos passou, como exemplo de vida, costume das famílias que moram aqui, muitas das vezes a gente aprende a viver com essa histórias contada por pessoas mais velha que até mesmo ensina a educar aos nossos filhos.

11. Você acha que essas (Lendas e Mitos) servem de referência na formação de seus filhos? Como por exemplo? R: sim, porque a gente conta para eles como é realidade, e eles deixa de fazer coisas erradas ou perigosas por conta do medo das lendas e dos mitos contados. E também serve para educar a cultura e a tradição é bem forte, meus avós passou para meus pais e eu tenho que repassar para meus filhos e netos e outras pessoas que chegarem a minha terra.

Data da entrevista.

1. Dados pessoais do (a) entrevistado (a):

Qual seu nome completo? R: Policapo Maia dos Santos

Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade? R: no Kalunga município de Monte Alegre-GO (no Campo).

Quantos anos têm? 72 anos

Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano) R: 20/01/1941

Qual seu estado civil? R: Casado

Quantos filhos têm? Onde nasceram? R: 07 no Campo

O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução? R: Não

Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida? R: Aposentado. Lavrador.

2. O (a) senhor (a) gosta de ouvir histórias? R: Sim

3. Na sua infância, o (a) senhor (a) ouvia muitas histórias (Lendas e Mitos) dos mais velhos? R: Sim

4. Como essas histórias eram contadas? Por Quem? Eram contadas á noite? R: Eram contadas em noites claras pelos meus pais e avós.

6. Quais histórias (Lendas ou Mitos) eram contadas? (apenas citar quais)

Estórias de Lobisomem, Alma Penada, e Cobras, quando uma pessoa olha para o céu no mês de maio e não ver sete estrelas, têm muito mais.

7. Quais histórias gostavam mais de ouvir? Por Quê? R: Lobisomem, porque eu acho engraçada.

8. Pode contar essas histórias (lendas ou Mitos)? R: Sim

9. Você acha interessantes as lendas e mitos aqui na comunidade? Por quê? R: Sim, porque faz lembrar os meus pais e avós.

10. Você ensinou aos seus filhos (lendas e Mitos)? Por Que ensinou? R: Sim, ensinei como um ritual de vida que tive pelos meus velhos pais, e acho que meus filhos tem que dar continuidade nas histórias como tradição.

11. Você acha que essas (Lendas e Mitos) serve de referencia na formação de seus filhos ? Como por exemplo? R: sim, serve como referencia na hora de educar, porque criança e muito levadas ai agente pra não bater ou deixar de castigo fazem medo olha as lendas e mitos cuidado.

Data da entrevista.

1. Dados pessoais do (a) entrevistado (a):

Qual seu nome completo? R: Maria Xavier da Silva

Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade? R: no Kalunga município de Monte Alegre –GO (no Campo).

Quantos anos têm? 67 anos

Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano) R: 25/09/1945

Qual seu estado civil? R: Casada

Quantos filhos têm? Onde nasceram? R: 08 no Campo

O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução? R: sim .somente alfabetização.

Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida? R: Aposentada lavradora.

2. O (a) senhor (a) gosta de ouvir histórias? R: Sim

3. Na sua infância, o (a) senhor (a) ouvia muitas histórias (Lendas e Mitos) dos mais velhos? R: Sim e muitas.

4. Como essas histórias eram contadas? Por Quem? Eram contadas á noite: por pessoas mais velhas.

6. Quais histórias (Lendas ou Mitos) eram contadas? (apenas citar quais)

Histórias de Lobisomem, Saci-perere, Alma Penada e Serpente.

7. Quais histórias gostavam mais de ouvir? Por Quê? R: DE animais.

8. Pode contar essas histórias (lendas ou Mitos)? R: Sim

9. Você acha interessantes as lendas e mitos aqui na comunidade? Por quê? R: Sim, muito interessante, porque faz lembrar-se da minha infância onde os mais velhos tinha o prazer em sentar com as crianças pra contar história e sorrir.

10. Você ensinou aos seus filhos (lendas e Mitos)? Por Que ensinou? R: Sim, para não perder a tradição ea cultura.

11. Você acha que essas (Lendas e Mitos)serve de referencia na formação de seus filho ? Sim, porque alguns deles gravam na memória e ate mesmo lutar pelo seu espaço cultural sem deixar cair à tradição em geração e geração.

Data da entrevista.

1. Dados pessoais do (a) entrevistado (a):

Qual seu nome completo? R: Cândido da Costa Serafim

Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade? R: no Kalunga município de Monte Alegre –GO (no Campo).

Quantos anos têm? 77 anos

Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano) R: 04/09/1939

Qual seu estado civil? R: Casado

Quantos filhos têm? Onde nasceram? R: 10, no Campo

O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução? R: sim

Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida? R: Aposentado lavrador.

2. O (a) senhor (a) gosta de ouvir estórias? R: Sim

3. Na sua infância, o (a) senhor (a) ouvia muitas estórias (Lendas e Mitos) dos mais velhos? R: Sim.

4. Como essas estórias eram contadas? Por quem? Eram contadas à noite? R: Sim, pelos meus avós.

6. Quais estórias (Lendas ou Mitos) eram contados? (apenas citar quais)

Estórias de Lobisomem, Saci-pererê, Onça, Macacos e cobras. Se as pessoas fazem remédio caseiro, tem que esperar melhorar pra lavar a vasilha.

7. Quais estórias gostavam mais de ouvir? Por quê? O da Onça.

8. Pode contar essas estórias (lendas ou Mitos)? R: Sim

9. Você acha interessantes as lendas e mitos aqui na comunidade? Por quê? R: Sim, porque faz lembrar-se dos mais velhos tinha o prazer em sentar pra contar estória como se fosse a realidade.

10. Você ensinou aos seus filhos (lendas e Mitos)? Por que ensinou? R: Sim,

porque meus povos mais velhos ensinaram para mim achei que tinha que ensinar para meus filhos pra ensinar para os filhos deles.

Data da entrevista.

II. Você acha que essas (Lendas e Mitos) servem de referência na formação de seus filhos? Sim, porque serviu na minha formação de cultura tradicional também vai servir para eles.

Qual seu nome completo? R: Ermino da Cunha de Castro

Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade? R: no Kalunga município de Monte Alegre –GO (no Campo).

Quantos anos têm? 58 anos

Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano) R: 28/02/1955

Qual seu estado civil? R: Casado

Quantos filhos têm? Onde nasceram? R: 04, no Campo

O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução? R: sim.

Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida? R: lavrador.

2. O (a) senhor (a) gosta de ouvir histórias? R: Sim

3. Na sua infância, o (a) senhor (a) ouvia muitas histórias (Lendas e Mitos) dos mais velhos? R: Sim, .

4. Como essas histórias eram contadas? Por quem? Eram contadas á noite? R: Pelo os mais velhos à noite.

6. Quais histórias (Lendas ou Mitos) eram contadas? (apenas citar quais)

Histórias de Lobisomem, Saci-pererê, Alma Penada e Cobras. A viúva e o falecido marido.

7. Quais histórias gostavam mais de ouvir? Por quê? R: De assombração.

8. Pode contar essas histórias (lendas ou Mitos)? R: Sim

9. Você acha interessantes as lendas e mitos aqui na comunidade? Por quê? R: Sim, porque isso faz lembrar-se dos povos, mas velhos e dos meus pais.

10. Você ensinou aos seus filhos (lendas e Mitos)? Por Que ensinou? R: Sim, ensinei como rotina vida dos mais velhos.

11. Você acha que essas (Lendas e Mitos) serve de referência na formação de seus filho? Sim, porque até hoje continua sendo ponto crucial na nossa cultura.